

ROTEIRO — PODCAST CÍRCULO DE SABERES

Temporada: Memórias de águas, ventos e areias

Episódio 1 - Comunidade Macapá

NARRAÇÃO

ENTREVISTADOS

SONOPLASTIA

SONS ADICIONAIS (VÍDEOS, LINKS, ETC)

ABERTURA

BG: Inicia com sobe som de trilha com batuques e regionalismo. Trilha permanece durante a fala dos narradores.

NARRAÇÃO 1: O que acontece quando comunidades tradicionais silenciadas pela mídia decidem contar sua própria história?

NARRAÇÃO 2: O que acontece quando a memória, carregada de vozes e saberes ancestrais, enfim, encontram um lugar para circular?

SOM AMBIENTES - CONVERSAS EM RODA - CÍRCULO DE SABERES

NARRAÇÃO 1: Oi pessoal, eu sou Luan Matheus Santana.

NARRAÇÃO 2: E eu sou Sarah Fontenelle Santos.

NARRAÇÃO 1: E esse é o **Círculo de Saberes**, um podcast original da plataforma **Ocorre Diário**, que nasce de um gesto simples e profundo: sentar em roda, escutar, aprender e narrar as histórias de vida com e para comunidades e territórios tradicionais do Piauí e Maranhão.

NARRAÇÃO 2: Aqui, a comunicação não chega de fora — ela brota do chão, das florestas, das marés, dos quintais, das trilhas abertas pelos que vieram antes. Todos os episódios que você vai escutar nesse podcast são resultados de oficinas de educação popular do projeto “**Círculo de Saberes – Pensar e Agir em Comunidade**”

NARRAÇÃO 1: Esse projeto é uma iniciativa do núcleo de educação popular da Plataforma Ocorre Diário. Nele, a gente apoia povos e territórios tradicionais na construção de sua autonomia comunicacional.

NARRAÇÃO 2: E o que isso quer dizer, na prática? É simples: a gente senta, conversa e troca saberes. Ensina o que sabemos e aprendemos muito também. A gente fala de comunicação popular, de como a mídia atravessa nossas vidas, de como as tecnologias podem deixar de ser barreira e virar ferramenta de mobilização. A gente aprende a fazer roteiros, vídeos, entrevistas, podcasts... aprende a registrar e guardar o que vive e o que luta. Porque, no fundo, a gente acredita que comunicação não é só técnica — é encontro, é mobilização, é jeito de fortalecer o coletivo..

NARRAÇÃO 1: E por isso, a gente não te prometer uma periodicidade fixa, mas toda vez que rolar uma nova edição do círculo de saberes, a gente te avisa com antecedência pelas redes sociais da Plataforma Ocorre Diário, é @ocorrediariorio no instagram e no facebook.

NARRAÇÃO 2: E o que você vai ouvir agora é o primeiro fruto desse processo. E a gente estava bem feliz com o resultado. MEMÓRIAS DE ÁGUAS, VENTOS E AREIA é a primeira temporada do nosso podcast. A primeira de muitas! São conversas gravadas debaixo da copa do cajueiro, em quintais a beira mar, na porta do vizinho, se acheque, você vai gostar.

NARRAÇÃO 1: Essa temporada terá três episódios e ela foi produzida em colaboração com as comunidades pesqueiras do litoral piauiense. Agora, vamos escutar as vozes e histórias de vidas de pescadores e pescadoras artesanais do Macapá, Labino e Ilha Grande.

NARRAÇÃO 2: Nosso episódio de hoje será narrado por Sofia e Lia. Ela vai contar a história de uma família que, mesmo vivendo entre as belezas naturais que encantam turistas, enfrenta a contradição diária de viver **sem água potável e sem energia elétrica**, enquanto vê fazendas de camarão e empreendimentos turísticos avançando sobre suas terras.

BG: Trilha suave para ambientação da história

Narração 1: Oi, gente. Eu sou a _____. Venho de uma comunidade ribeirinha aqui do litoral do Piauí e cresci ouvindo histórias na beira do rio e do mar, aprendendo com minha família e meus vizinhos sobre a vida, o trabalho e o valor da nossa cultura. Em outubro do ano passado, participei do projeto Círculo de Saberes, e foi nesse caminho que nasceu essa ideia de fazer um podcast para guardar e espalhar as histórias das nossas comunidades. Foi também através do projeto que eu conheci a comunidade do Macapá.

E olha... Macapá me recebeu de um jeito especial. Conheci pessoas, escutei memórias, vi como cada morador faz parte da história desse lugar. Hoje, eu quero te convidar a caminhar comigo por essa comunidade. Vamos conhecer o Macapá e as lutas que existem nessa região através da vida de três pessoas:

SONORA DOMINGOS: ...me criei aqui no Macapá. Uma parte aqui no Macapá. Quando eu tinha na base de 13 anos, por aí assim, aí fui embora para o Porto de Areia. Chegando no Porto de Areia, só a casa do meu pai e do tio dele. Aí, começamos a viver de tirar ostra, pescar, catar caranguejo, trabalhar de roça.

SONORA NAVEGANTES Para minha sobrevivência, sou pescadora. Trabalho na pesca. Hoje tiro marisco, tiro sururu, e complemento com diárias. Por exemplo, faço algumas diárias em comércios, ou, quando alguém pede para eu fazer uma limpeza, eu vou e faço. Tudo isso sustenta a mim e aos meus dois filhos.

1 Narrador/a

NARRADOR/A: Agora escutamos Domingos e Maria Navegante.

Ele, pai, pescadores e caranguejeiro, que conhece a região como conhece a vida: desde que nasceu.

Ela, filha, neta e bisneta dessa faixa de terra entre o mar e o vento, no litoral do Piauí. É a terceira geração de sua família que faz parte deste território. Porto de Areia é o nome de sua comunidade de nascença, igualmente irmã de Macapá e Maramar, três localidades que juntas formam uma comunidade no litoral do Piauí.

OFF001A história de Domingos e Navegante é a história de muitas outras: famílias que tentam manter vivas práticas ancestrais enquanto enfrentam um turismo e empreendimentos que chegam sem pedir licença, apagando modos de viver, ocupando territórios, impondo ritmos que não são os da comunidade.

QUESTÃO GERADORA: QUEM É NAVEGANTE/DOMINGOS, COMO É SEU TERRITÓRIO E QUAIS AS LUTAS O TERRITÓRIO ENFRENTA?

Sonora - NAVEGANTE Bem, como já sabe, eu moro na comunidade de Macapá. Tenho 40 anos e, há esses 40 anos, vivo na comunidade. Então, desde a minha infância até hoje,

ocorreram muitas mudanças, tanto climáticas quanto territoriais. Na minha infância, a gente vivia a tranquilidade de poder sair de um lugar para outro. Havia... assim, meu pai podia morar em um lugar e depois fazer casa em outro local. Hoje, nós não temos mais essa liberdade.

Falando de território, há um domínio, digamos assim, de conflitos. Por isso, nós, moradores da comunidade, já não temos mais essa liberdade de mudar de casa. Antigamente, meus pais podiam fazer uma casinha aqui, outra ali, e hoje isso já não é mais possível. Perdemos essa liberdade dentro do nosso próprio território.

NARRAÇÃO OFF001: Os moradores e moradoras das comunidades do entorno, Maramar, Macapá e Porto de Areia, sabem muito bem como conviver com os mares, os ventos e as dunas que se movem. Como são parte da terra, sabem que se o mar avança, é hora de refazer moradia um tanto mais para lá. Se as areias se movem mais, é preciso respeitar e continuar a caminhar. Por isso, é comum ouvir dos moradores locais que sempre viveram ali respeitando o fluxo do tempo e da natureza e mudando-se, sempre que as condições da natureza pedem.

QUESTÃO GERADORA? PORQUE ACONTECEM ESSAS MUDANÇAS DE CASA.

NARRAÇÃO: Dona Conceição é a mãe de Navegante e de mais 9 filhos que criou entre as areias e água de Macapá e Porto de Areia. Ela conta como chegaram por essas terras.

QUESTÃO GERADORA? QUEM É DONA CONCEIÇÃO?

SONORA DONA CONCEIÇÃO: Nós morávamos no Macapá, né? Aí eu tive meus filhos lá e vinhamos pra cá se criar aqui. Eles criaram aqui. Aí, meu marido, pai dele, trabalhava de lavoura. Aí, vinhamos pra cá. Chegamos aqui no Porto de Areia, só tinha três casas. A minha, e do tio dele aí, e do tio do meu marido. Me juntei com o pai dele aqui. Aí, nós morávamos no Toá. E o Toá foi pro Macapá. Do Macapá, nós viemos pra Porto de Areia em 90.

NARRAÇÃO: Tal qual a filha Navegantes conta, Conceição afirma sobre seus modos de vida que ela repassou aos seus filhos.

QUESTÃO GERADORA: QUEM É DONA CONCEIÇÃO?

SONORA CONCEIÇÃO: Tirava marisco. Eles comiam. Nesse tempo, ninguém comprava marisco. Tirava sururu. Ele, aí, ia pescar. Ele era maiorzinho. Mas já pescava. Marra outra, mais reta. E o mais rei, ela tinha saído. Eu trabalhava. Carnaubal. Trabalhando maranhão. Aí, eu fiquei mais rei. E poderei sair, encostadinho assim. Pescava os ostras. Pois era. E o véio, tirava ostra. E vendia no Macapá.

BG: Sobe o som trilha regional

NARRAÇÃO: São histórias de pessoas que não viviam só da água, viviam também da terra.

QUESTÃO GERADORA: Do que a comunidade vivia? Quais seus ofícios para manter o bem viver?

SONORA CONCEIÇÃO: Ele fazia roça. Plantava o que na roça? Plantava mandioca, macaxeira, milho, feijão, melancia, abóbora, aquele melão, só não aquele outro. Não tinha o melão entalhado. Eles plantavam. E nós dava pro nosso filho comer.

DOMINGOS: “Nós éramos muitos irmãos... então o meu pai não dava conta de sustentar tudo só... e a gente fazia isso já para ajudar os irmãos... no sustento... da casa. Pescava à noite... e de manhã a gente ia para a roça. [...] Eu pescava à noite... quando era de manhã, eu pegava minhas duas irmãs, levava, deixava no colégio e ia para a roça. Trabalhava, capinava na roça. [...] O nosso ramo era esse aí... aqui no... Macapá... Porto de Areia. Sempre vivíamos lá... naquele lugar ali.”

BG: Respiro sonoro, mudança de trilha, sobe o som.

NARRAÇÃO: E quem vive por essas bandas sabe... o território é mais que um lugar. É onde a gente nasceu, onde aprendeu a pescar, plantar, criar família. Domingos conta isso direitinho.

QUESTÃO GERADORA: QUEM É DOMINGOS E COMO É A SUA VISÃO DE MUNDO DE DE TRABALHO COM AS ÁGUAS E A TERRA?

DOMINGOS: O nosso sustento a gente sempre tirou daqui do nosso meio de vida que a gente vive aqui. Você pega o caranguejo pra vender. Vamos fazer a comparação. Eu quero comprar uma ovelha. Eu vou trabalhar, pegar caranguejo pra arrumar aquele dinheiro e comprar a ovelha. Como eu vou sustentar minha ovelha? Eu vou fazer um pedaço de roça na mata, pra plantar

milho, feijão. Eu não vou comprar farinha. Então o que que eu faço? Eu vou plantar maniva, mandioca pra fazer a farinha. Então a gente tira o sustento tudo daqui da área onde a gente vive aqui. Entendeu? Eu crio. Eu crio cabra, porco, galinha, pato, essas coisas. [...] Essa é a pescaria que a gente chama artesanal, essa que a gente mesmo providencia pra pescar.

BG: Sobe o som de trilha

NARRAÇÃO: Esses modos de vida, repassados de mãe e pai para os filhos e filhas, que por sua vez vem das avós e dos avôs, estão sendo ameaçados em nome do lucro. Assim como tantos territórios sagrados, no macapá e no porto de Areia não é diferente. Navegantes conta como tem visto os empreendimentos sufocarem sua família e sua possibilidade de existência.

SONORA NAVEGANTES: Até 2000, só existia a família — no caso, a nossa família — a família do meu pai e os parentes: tios, irmãos, primos que moravam na comunidade Porto de Areia. Havia tranquilidade até 2000. Depois de 2000, veio um empresário com uma fazenda de camarão. Depois disso, já não houve mais essa faixa de liberdade, porque deixamos de ter o direito de ir e vir e, muito menos, de cultivar o que cultivávamos antes. Hoje, não temos essa liberdade. Não temos energia elétrica, não temos água, que é essencial para a vida. Se quisermos cultivar grãos, milho, feijão, qualquer coisa, não conseguimos mais. Não temos mais a liberdade de produzir como antes. Hoje, até água para beber precisamos comprar, para poder manter a casa, lavar, cozinhar. A água vem da comunidade de Macapá, porque no Porto de Areia não temos o direito ao essencial para viver.

BG: Sobe o som de trilha de tensão

NARRAÇÃO: Segundo a família eles são proibidos de realizar qualquer benfeitoria onde moram. Uma vez que tentam realizar qualquer construção com tijolos, são obrigados a derrubar. São também proibidos de levar energia elétrica e água encanada. O sentimento é de perda de dignidade humana.

SONORA NAVEGANTES: Eu me sinto humilhada pela sociedade, pelo governo federal e pelo município. Humilhada e recuada por não termos nossos direitos e nossa liberdade. O que eu mais desejo é o mínimo — e nem o mínimo nós temos. Energia elétrica e água já seriam o suficiente para melhorar muito. Não resolveria tudo, mas já seria uma grande melhoria. Imagina você andar três quilômetros para pegar água para

tomar banho. Isso é desumano. Na minha visão, é desumano. A comunidade Porto de Areia sofre isso há 25 anos. Antes, a gente cultivava o poço, a cacimba. Todo dia fazíamos uma cacimbazinha, levávamos água para o pote para beber, para tomar banho, lavar roupa, lavar louça. Hoje, mesmo cavando um poço de dez, vinte maneiras, não se encontra água boa.

Narração: Dona Conceição, conta que certa vez o Programa Luz Para Todos chegou até sua casa no Porto de Areia, mas o empresário local intercedeu para que a energia elétrica fosse retirada. Afinal, qualquer benfeitoria para a comunidade soa como uma ameaça.

QUESTÃO GERADORA: O que as pessoas relataram sobre impedimentos que recebiam dos empresários?

SONORA DONA CONCEIÇÃO: água, luz, para melhorar? Isso. Mas será que ele aceitava? Porque eu acho que não pode ser. Porque não tem aquela luz para todos. Aquela luz para todos veio até a minha casa. Não foi essa daqui toda, que eu vi lá. O meu filho mora bem no lugar. Ele fez o homem tirar a luz. Aí ele deixou. Aí ficou sem luz. Ficou sem luz. Meu filho mora aqui sem luz.

Narração: Só que depois as coisas começaram a mudar. Chegou empreendimento grande. E o jogo mudou pra quem é da terra. Domingos lembra de todo esse processo.

QUESTÃO GERADORA: O QUE MUDOU COM A CHEGADA DO TURISMO E A FAZENDA DE CAMARÃO?

DOMINGOS: Como que eles começam... tirando... tirando... como se diz... o nosso... o nosso direito... eles sabem que a gente tem direito... Eles chegam, dão emprego pra comunidade, oferecem muitas coisas... quando tá prontinho, aí eles começam botar pra fora... o seu pescadorzinho que trabalhou lá no começo ele vai ser proibido de andar lá. Ele não vai poder pegar o caranguejinho dele passando lá, que lá tem um viveiro, tem um portão. Não pode passar. Vai ficar só na memória dele: pô, já era meu caminho, trabalhei aqui. Agora não posso mais nem passar aqui."

BG: Sobe o som volta trilha regional

NARRAÇÃO: Resumindo é: Quem tem direitos a ter direitos? Hoje a população tradicional do local não pode mais viver, pois é pouco a pouco expulso pela implantação de outras formas de vida alheias aos ofícios tradicionais. Primeiro os empresários sugam os saberes locais, depois expulsam os moradores.

QUESTÃO GERADORA: Qual é a estratégia dos empresários para se alojar na comunidade e aos poucos sugar os saberes dos moradores?

SONORA DOMINGO: Só tem direito para o empresário do turismo, mas para a população de baixa renda, que nem nós, não tem. E o pior é que nós somos nativos, os raízes daqui. Quando eles chegam, eles chegam se apoiando na gente. Ele chega aqui na nossa área e chega se apoiando na gente. Bom, o cara quer colocar um transporte de lancha no Rio, ele procura um nativo do lugar para trabalhar com ele. Quando ele pegou toda a informação sua, pegou todos os roteiros seus, por onde é o canal, por onde ele deve, ele lhe tira. Pronto, traz outra aqui. Quando consegue com alguém, é isso aí.

NARRAÇÃO: Navegantes se emociona ao lembrar da história de seu pai, sua bondade, suas criações e o legado que deixou, do qual ela luta para que continue a ser presença no território.

PERGUNTA GERADORA: O que as pessoas geralmente sentem quando falam dessa história? Dessa luta?

SONORA NAVEGANTES: Poderíamos ter desistido quando ele morreu. Mas não. Continuamos. O Porto de Areia recebeu esse nome do bisavô do meu pai. Só a família dele morava lá. Ainda existem restos dos coqueiros que o bisavô plantou. O Porto de Areia é a raiz da família do meu pai. E por que deixaríamos morrer essa raiz? Jamais. Se você planta uma árvore e deixa de cultivar, ela morre. Se regar, floresce. Assim é o Porto de Areia: se deixarmos de lutar, ele morre. Se regarmos, ele continua sendo história e território.

SONORA DOMINGOS: Porque...Eu considero a única coisa que a gente sabe fazer. Trabalhar de roça, pegar caranguejo, pescar. Então foi daí onde a gente tirou os estudos dos filhos da gente. Nossa tradição é essa aqui. Se tirar de nós, tirar isso daí da gente, como estão tentando tirar, eu acho que fica um pouco ruim pra nós aqui."

DOMINGOS: "Então, eu me sinto bem orgulhoso de ser um pescador. Eu me sinto profissional. É um dom que Deus me deu...

Eu pego uma embarcação...corro até a terra sumir para o mar... sem um radar, sem bússola...Para mim é muito satisfatório isso aí. [...]

Se tirar de nós... eu acho que fica um pouco ruim pra nós aqui.

PAUSA

Narração: Antes de terminar, a gente quer agradecer, de coração, à comunidade do Macapá e do Porto de Areia por abrirem as portas de suas casas e compartilharem um pouco das suas histórias, das suas memórias e dos seus saberes. Nosso agradecimento especial à Dona Conceição, ao Domingos, à Navegantes; à Sofia e a Lia que conduziram essa história e a todas as pessoas que participaram deste episódio.

Sem a confiança e a generosidade de vocês, esse podcast não existiria. Que essas vozes continuem ecoando e inspirando outras pessoas a conhecer, valorizar e defender os territórios e as comunidades tradicionais. Muito obrigado por caminhar com a gente até aqui.

BG: *Trilha com batuques e regionalismo*

Narração: Logo menos a gente volta aqui, com outras histórias que brotam dos territórios do Piauí e Maranhão como sementes boas.

Este episódio contou com gravações e entrevistas comunitárias.

Em parceria com as comunidades, Macapá, Labino (Pedra do Sal), Movimento de Pescadores e Pescadoras (MPP), Teia dos Povos do Maranhão, Laborejo - Laboratório do curso de Jornalismo da UFMA, ONG Ilha Ativa e a Plataforma Ocorre Diário.

A produção e o roteiro foram escritos coletivamente pelas comunidades.

A Coordenação do projeto é de Sarah Santos, Luan Matheus Santana e Maura Vitória, do OcorreDiário. Nesse episódio contamos com a participação de Arthur Serejo, do Laborejo.

Edição de som é da Glenda Uchôa e do Saylon Sousa.

O cantador que dá vida à parte da trilha é o pescador e morador da comunidade Macapá Sebastião Alves dos Santos.